



Construção de identidades profissionais e dimensão investigativa do saber e das práticas

INVESTIGAÇÃO EM HISTÓRIA LOCAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO SUPERIOR – «DOSSIÊ DE MEMÓRIAS FEIRA DE SANT’IAGO»

ALCÂNTARA, Ana

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Setúbal
Instituto de História Contemporânea - NOVA FCSH (ana.alcantara@ese.ips.pt)

Resumo

Neste texto apresenta-se uma prática pedagógica que tem como objetivo potenciar experiências de investigação e de formação aos/às estudantes da ESE-IPS nas áreas da História e Património, numa relação ativa com as comunidades e as memórias coletivas. A História local é espaço de interseção entre História e memória e um palco privilegiado para o envolvimento das comunidades com o território e a memória coletiva. Assumindo-se o local como referente para a apropriação do passado dos territórios e das gentes, mas também para a projeção futura das comunidades, o projeto «Dossiê de Memórias Feira de Sant’Iago» propõe desafiar estudantes do ensino superior a conceberem a investigação como potenciadora de conhecimento e de envolvimento comunitário. Baseada na pesquisa em periódicos locais e na recolha de história oral sobre a Feira de Sant’Iago (Setúbal) procura-se que se adquiram competências de investigação, mas, também, conhecimentos acerca da sociedade setubalense e da significância de uma práxis comunitária cíclica que, ao acontecer desde 1582, reflete evoluções históricas, sociais e culturais.

Palavras-Chave: Feira Sant’Iago; História local; Memória coletiva; Prática pedagógica; Setúbal

Introdução

“A teoria sem prática é vazia e a prática sem teoria é cega.” (De Groof, 2019)

A História local revela-se na interseção permanente entre História e memória, podendo ser um espaço privilegiado de envolvimento das comunidades com o território e memórias coletivas. Através do conhecimento da História local, práticas sociais, culturais e acontecimentos cíclicos com significância de tradição na identidade coletiva, conferem um sentido de pertença às



populações atuais. Com acontecimentos de âmbito local a serem projetados como referências para a apropriação e conhecimento do passado dos territórios, das suas gentes e para a projeção futura das comunidades. Neste quadro, acontecimentos cíclicos vividos pelas comunidades refletem as alterações sociais, culturais, políticas e económicas ocorridas, mas também, enquadram a construção social do território que se foi transformando pelas vivências quotidianas e pelos momentos históricos.

A Feira de Sant'Iago de Setúbal, como repositório de “inumeráveis gestos herdados, confusamente acumulados, infinitamente repetidos” (Braudel, 1985, p.15) dos/as setubalenses, encarna esse valor de memória, tradição e espelho do devir histórico. Acontece anualmente na cidade desde que foi criada, por alvará régio em 1582, como “uma feira franca onde se vendessem todas e quaisquer mercadorias (...) que comesaria em véspera de Sant Iago Maior” (ADS, cód.ref. PT/ADSTB/PSS/APAC/N/0114, fl.3). No século XIX ganha, também, um cunho de acontecimento cultural, nomeadamente através da realização de bailes, atuações de bandas musicais, sociedades filarmónicas e grupos teatrais, etc... Entre o final do século XIX e o início do século XX “desapareceu a necessidade de as populações se abastecerem, durante os curtos dias de duração da feira (...). [E passou a ser frequentada] por distração ou para admirar as maravilhas do progresso moderno” (Junqueiro, 2018, p.15). Atualmente, é a festa da cidade por excelência.

A longevidade da Feira de Sant'Iago (ou de Santiago), associada ao facto de ter conhecido diferentes localizações, alterações de função e práticas sociais e culturais associadas, tem o potencial de atuar como referente para a apropriação das mudanças que ocorreram no território e comunidades setubalenses e nacionais nos últimos quatro séculos.

É na perspetiva de que a “diferença de cenário, diferença de objetivos, trazem a modificação nos costumes” (Junqueiro, 2018, p.16) e que o impacto de mudanças políticas, sociais e culturais locais e nacionais se refletem nas festividades locais cíclicas e nas representações da memória coletiva das comunidades que faz sentido usar a evolução da Feira de Sant'Iago como ferramenta pedagógica.

A propósito da proposta, dirigida pelo Gabinete de Feiras e Eventos da Câmara Municipal de Setúbal (GFE – CMS) à autora no início de 2020, para o desenvolvimento de um projeto de recolha de memórias relacionadas com este evento multisecular do território sadino, através da realização de entrevistas para recolha de histórias e recordações da Feira de Sant'Iago, foi perspetivada a elaboração de uma prática pedagógica que potenciase experiência de investigação e formação dos/as estudantes da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (ESE-IPS) nas áreas da História e do Património, numa relação ativa com a comunidade e a História local. Mas “a memória coletiva (...) é essencialmente mítica, deformada, anacrónica, [necessitando da] (...) informação histórica. (...) A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus



erros” (Le Goof, 1984, p.45). Como tal, entendeu-se aliar à recolha de memórias, cujo alcance não irá muito além dos anos 40 do século XX, o levantamento de notícias sobre o tema em jornais locais e a pesquisa documental em arquivos municipais, definindo-se o «Dossiê de Memórias Feira de Sant’Iago».

No âmbito da integração do projeto no trabalho académico desenvolvido ao longo do 1º semestre do ano letivo 2020-2021, esta investigação foi implementada em unidades curriculares cujas metodologias pedagógicas integram trabalho de campo e cujos objetivos de aprendizagem incluem a “compreensão, apreciação e avaliação crítica da História (...) portuguesa, da sua integração regional e mundial”, a mobilização de “literacias múltiplas na abordagens dos temas históricos” (Programa de “História Contemporânea e Cidadania”, 2020), a “compreensão dos mecanismos de apropriação do património e da herança histórica e sociocultural (...) interpretação de artefactos culturais no contexto da cultura popular portuguesa” (Programa de “História Cultura e Património”, 2020), em “contacto com populações e territórios” (Programa de “População e Território”, 2020).

Num quadro de aprendizagem desenrolado na ESE-IPS, onde se pretende que o desenvolvimento de competências académicas e científicas se alicerce também na investigação, no contacto com as comunidades e no entrosamento com a região, o projeto «Dossiê de Memórias Feira de Sant’Iago» constitui-se como uma prática pedagógica de investigação que pretende diversificar as competências dos/as estudantes. Isto porque, fomenta a experiência de investigação e formação através da recolha de memórias e de elementos da História setubalense, potenciando o conhecimento do território e o envolvimento ativo com a comunidade e instituições locais.

Metodologia

“Arquivar os testemunhos facilita a passagem da Memória à História, coloca à disposição da comunidade as memórias particulares e, por acumulação sucessiva, permite a possibilidade de uma história que integra a diversidade das memórias existentes.” (Duclert, 2002, p.73 (tradução livre))

O quadro metodológico desta ferramenta pedagógica desenvolveu-se, em paralelo, de duas formas, consoante as competências a adquirir em cada uma das unidades curriculares.

1. A recolha de História oral, através da realização de entrevistas, foi desenvolvida em unidades curriculares dos Cursos Técnicos Superiores Profissionais de Gestão de Turismo e Apoio à Gestão de Organizações Sociais. Nomeadamente, “História, Cultura e Património”, com a qual se



pretende a “aprendizagem de técnicas de investigação que permitam a problematização de temas ligados ao património” (Programa de “História Cultura e Património”, 2020), e “População e Território” cuja prática de “trabalho de campo [em] contacto com as populações locais” (Programa de “População e Território”, 2020) é um dos focos de desenvolvimento de aprendizagens.

Após abordagens teóricas relativas às metodologias de História Oral e aos processos da recolha de memórias e de histórias de vida por meio de entrevista, foi construída, coletivamente em aula, uma listagem de perguntas / guião de apoio às entrevistas semi-dirigidas a serem feitas pelos/as estudantes. Depois de determinada uma listagem de potenciais entrevistados – a partir de sugestões trazidas pelos/as estudantes e de um inventário prévio cedido pelo GFE-CMS - cada estudante empreendeu e transcreveu uma entrevista. Deste processo resultaram 53 entrevistas, contendo memórias de setubalenses, feirantes e visitantes de outros concelhos nascidos entre 1937 e 1999.

2. Os/as estudantes da unidade curricular de “História Contemporânea e Cidadania” da Licenciatura de Comunicação Social, na qual se pretende “desenvolver capacidades para utilizar os conhecimentos da História Contemporânea e mobilizar literacias múltiplas na abordagens dos temas históricos” e potenciar a “apropriação dos métodos próprios da investigação histórica” (Programa de “História Contemporânea e Cidadania”, 2020), fizeram o levantamento e análise de notícias relativas à Feira de Sant’Iago em jornais, editados em Setúbal disponíveis, na Biblioteca Municipal de Setúbal (BMS).

Foram identificados periódicos locais, publicados ao longo do século XX, com confirmada existência e possibilidade de consulta na BMS, e cada estudante ficou responsável de identificar e listar todas as notícias, crónicas, imagens, editais e anúncios relativos à Feira de Sant’Iago, publicados entre 1 de julho e 10 de setembro, de 2 anos consecutivos, num mesmo jornal. Concluído este levantamento, com base no que encontrou e tendo em conta o enquadramento político, social, cultural e económico, cada estudante desenvolveu um trabalho escrito com o retrato da Feira de Sant’Iago no período que analisou. A opção do método como abordar ou construir esse retrato de época ficou ao critério dos/as estudantes.

Deste processo resultou a listagem de informações jornalísticas, publicitárias e municipais relativas à realização da Feira publicadas nos periódicos «O Elmano» (1908-1915), «A voz da Mocidade» (1915-1916), «Correio do Sado» (1916), «A Propaganda» (1916-1918), «Ideia Nova» (1917), «Alvorada» (1917-1919), «O Setubalense» (1923-1991) e «O Distrito de Setúbal» (1951-1966) e a caracterização da Feira de Sant’Iago entre 1908 e 1991.



Desenvolvimento

“A nossa experiência do presente depende em grande medida do nosso conhecimento do passado.” (Connerton, 1999, p.2)

As ferramentas específicas da investigação histórica permitem enfrentar e enquadrar as memórias. “Se para os setubalenses a sua cidade está, naturalmente, no centro das suas vidas” (Rito, 2020, p.9), a memória comum sobre a Feira de Sant’Iago é parte essencial da comunidade. Ainda assim, a recolha de memórias sem o enquadramento necessário de outras fontes, não serve de muito para fazer História. A imprensa local, como “instrumento comunicacional de partilha de informação [e parte importante na] (...) construção de uma moderna identidade urbana” (Soromenho-Marques, 2020, p.16) funciona como outro repositório e testemunha de acontecimentos, momentos e perceções que transformaram Setúbal, a região sadina e o país. É deste modo que, da articulação entre a História local e a e a memória coletiva a Feira de Sant’Iago tem a potencialidade de referente para o conhecimento do passado local em articulação com diferentes momentos histórico-políticos nacionais.



Figura 1: «Ideia Nova», 30/06/1917 (BMS)

Se para um dos entrevistados - Rogério Carvalho, setubalense nascido em 1937 - “a primeira lembrança [da Feira de Sant’Iago] é no Parque do Bonfim (...). Depois (...) passou para a Luísa Todi. (...) E agora [está] no Parque das Manteigadas.” O jornal «Ideia Nova», em 1917, diz-nos que a Feira do início do século XX acontecia na “Avenida Todi a partir do ribeiro do Livramento para o poente” (figura 1), mostrando que a transferência da localização Feira do parque do Bonfim para a Avenida Luísa Todi, no ano de 1953, não encarnava a modernização e a novidade apregoada pelo regime do Estado Novo, mas o regresso a uma localização anterior. Mostrando-se,



assim, a importância do confronto entre fontes orais e escritas para o conhecimento uma prática comunitária cíclica, das suas mudanças ao longo dos tempos, mas também de como as alterações históricas, sociais e culturais nacionais se refletiram nela. Simultaneamente, enquadramentos políticos específicos influenciaram a forma como são retratados os acontecimentos locais na imprensa. Por exemplo, “os saltimbancos que apareciam na Feira todos os anos” – entrevista de José Costa, nascido em 1945 em Setúbal – que povoam as memórias das crianças que iam à Feira nos anos de 1950/1960, não aparecem referidos nos jornais setubalenses que passavam pelo crivo dos Serviços de Censura do período salazarista. Reflexo de uma imprensa que se detinha quase exclusivamente na notícia de momentos mais institucionalizados e reveladores do carácter tradicionalista e conservador que o regime queria imprimir nesta festividade, como a “corrida de touros inaugurada pela Legião Portuguesa” anunciada n’«O Setubalense» de dia 24 de julho de 1953 (figura 2).

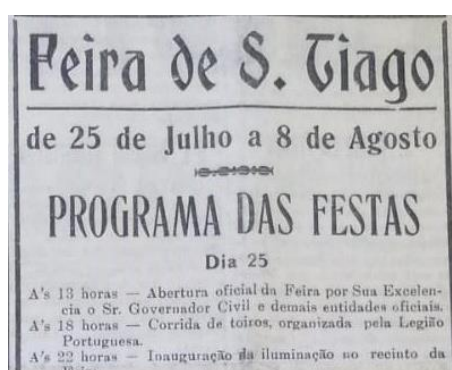


Figura 2: «O Setubalense», 24/07/1953 (BMS)

“As páginas amareladas do jornal guardam e libertam o mesmo rumor e fervilhar de tempos (...), lutas e anseios de mulheres e homens, crianças e velhos” (Soromenho-Marques, 2020, p.17) setubalenses que vivem momentos chave da História contemporânea portuguesa refletidas no discurso que emoldura esta festividade urbana. As páginas do jornal «O Setubalense» dedicadas à Feira de Sant’Iago, em 1974, são disso paradigma. Mostram em imagens, crónicas e reportagens “a primeira Feira da Liberdade” (O Setubalense, 20/07/1974, p.1) e refletem as marcas dum novo quotidiano de esperança e reivindicação permanente em inúmeras pequenas caixas de texto com palavras de ordem como “A Feira de Santiago é do Povo. Góza-a!” (O Setubalense, 30/07/1974, p.3), “Avante por uma feira progressista.” (O Setubalense, 30/07/1974, p.10), “Nova vida, nova feira de Sant’Iago. Caminhemos” (O Setubalense, 01/08/1974, p.3) ou aquelas que se reproduzem na figura 3.



Figura 3: O Setubalense, 28/07/1974 (BMS)

Conclusões

“Diversas questões de fundo da história social (...) podem matizar-se ou até adquirir mais sentido quando se territorializam na esfera da casa, do bairro, da cidade inteira.” (Oyón, 1999, p.320 (tradução livre))

As marcas de diferentes processos, momentos históricos e sociais no espaço de uma cidade e na memória coletiva potenciam não só o conhecimento do território, mas também das vivências e comunidades que dele fizeram parte. A investigação em História local torna-se, deste modo, fundamental no desocultar da densidade histórica de sítios concretos e gentes específicas contribuindo “para o estabelecimento de laços entre as populações e os lugares, (...) espaços da vivência quotidiana” (Neto, 2010, p.69).

A Feira de Sant’Iago revela-se como espelho das mudanças políticas, sociais e culturais que ocorreram na sociedade setubalense e nacional. As alterações por que passou, nos espaços que ocupou, nas funções que teve, refletem as mudanças sociais, culturais, políticas e económicas no território e nas vivências.

Deste modo, o envolvimento de estudantes da ESE-IPS no projeto «Dossiê de Memórias Feira de Sant’Iago» procura desenvolver-se como uma ferramenta pedagógica que, através da prática, permita a apropriação de ferramentas de investigação e a aquisição de conhecimentos acerca de diferentes tempos e contextos históricos. Estudando a Feira Sant’Iago no período contemporâneo, através da análise de relatos na imprensa e da recolha de memórias, os/as envolvidos/as empreendem uma experiência de investigação e formação mas também a percepção de que a história política e social do período contemporâneo se revela fundamental para uma atuação social consciente e crítica no presente e a construção fundamentada de projetos de futuro.

Com base no trabalho desenvolvido ao longo do 1º semestre de 2020-2021, este projeto terá seguimento através do envolvimento de mais estudantes da ESE-IPS inscritos em unidades curriculares das áreas da História e Património, com a continuação da recolha de memórias e com a ampliação da pesquisa documental à inventariação e análise de cartazes depositados no Arquivo



Municipal de Setúbal e de fotografias, nomeadamente as integradas no Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro.

Referências bibliográficas

- Braudel, F. (1985). A Dinâmica do Capitalismo. Teorema
- Costa, A.A. (2011). História e Cronologia de Setúbal. 1248-1926. Estuário/Escola Superior de Educação-Instituto Politécnico de Setúbal
- Connerton, P. (1999). Como as sociedades recordam. Celta
- De Groof, M. (2019). Agora sabemos que o colonialismo está vivo e esperneia. Marta Lança (entrevista). Público, 17/10/2019
(<https://www.publico.pt/2019/10/19/culturaipsilon/noticia/sabemos-colonialismo-vivo-esperneia-1889934>)
- Duclert, V. (2002). Archives orales et recherche contemporaine. Une histoire en cours. Sociétés & Représentations. 13. Éditions de la Sorbonne. 69 – 86
- ESE-IPS (2020). Programa de “História Contemporânea e Cidadania”, licenciatura em Comunicação Social.
- ESE / ESCE-IPS (2020). Programa de “História Cultura e Património”, CTeSP em Gestão de Turismo.
- ESE / ESCE-IPS (2020). Programa de “População e Território”, CTeSP em Apoio à Gestão de Organizações Sociais.
- Junqueiro, A.; Mouro, C. (apres.) (2018). Setúbal nos meados do século XIX: através das minhas recordações. LASA-Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão
- Le Goff, J. (1984). Memória. Edições 70
- Neto, M.S. (2010). Percursos da História Local Portuguesa. Monografias e representações de identidades locais. J.M.Santos & A.S.Catana (coord.), Memória e história local: Atas do colóquio internacional. Palimage. 47-76
- Oyón, J. L. (1999). Obreros em la ciudad: Líneas de um proyecto de investigacion en historia Urbana. Historia Contemporánea, nº 18. Departamento de Historia Contemporánea - Universidad del País Vasco. 317-345
- Rito, F.A. (2020). Introdução. Costa, A. A. (coord.), Setúbal no centro do mundo. 165 anos do jornal O Setubalense. O Setubalense. 9–11
- Soromenho-Marques, V. (2020). Prefácio. Costa, A. A. (coord.), Setúbal no centro do mundo. 165 anos do jornal O Setubalense. O Setubalense. 15 – 18
- Traverso, E. (2012). O passado, modos de usar. Edições Unipop



Fontes

Biblioteca Municipal de Setúbal (BMS):

- Jornal «O Setubalense» - 20/07/1974; 24/07/1953; 28/07/1974; 30/07/1974; 01/08/1974.
- Jornal «Ideia Nova» - 30/06/1917.

Arquivo Distrital de Setúbal (ADS):

- Fundo Arquivo Pessoal de Almeida Carvalho, cód. Ref^a. PT/ADSTB/PSS/APAC/N/0114, fl.3